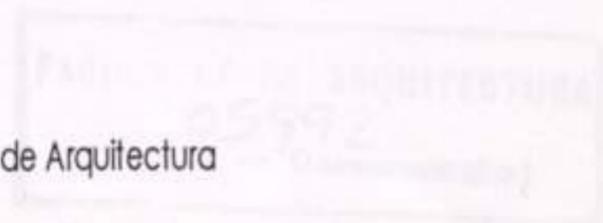


RELATÓRIO DE ESTÁGIO

INTERVENÇÕES NO ÂMBITO DA RECUPERAÇÃO ARQUITECTÓNICA



Romeu Ferreira Menezes Bragança - Faculdade de Arquitectura



RECARGO - 70

José Manuel Pedreira
arquiteto

Relatório de estágio particular de Romeu Ferreira Meneses Bragança,
aluno da Faculdade de Arquitectura - UTL.

O aluno Romeu Ferreira Meneses Bragança realizou o seu estágio sob minha orientação no âmbito da actividade que decorre em Junho e Julho de 1998.

Trata-se de um estágio numa empresa interdisciplinar (arquitectura, engenharia e gestão) que se dedica a desenvolver e executar intervenções de recuperação e reabilitação de edifícios.

Trabalhou sob a direcção do arquitecto e engenheiro responsável em vários tipos de obras, incluindo a reabilitação de edifícios e a execução de obras de recuperação.

Na sequência do estágio, o aluno elaborou um relatório de estágio e uma exposição de trabalhos que se pode encontrar no âmbito da actividade que decorre em Junho e Julho de 1998.

Este relatório de estágio é apresentado em duas partes: a primeira parte trata da actividade desenvolvida no âmbito da actividade que decorre em Junho e Julho de 1998 e a segunda parte trata da actividade desenvolvida no âmbito da actividade que decorre em Junho e Julho de 1998.

Este relatório de estágio foi elaborado em termos de qualidade para o efeito de ser apresentado ao júri de avaliação.

Lisboa, 31 de Julho de 1998

José Manuel Pedreira
Arquiteto inscrito na A.A.P. - Sub. N.º 935

FACULDADE DE ARQUITECTURA
BIBLIOTECA



0990012038

FACULDADE DE ARQUITECTURA
05992
(Centro de Documentação)

José Manuel Pedreirinho
arquitecto

Parecer sobre o estágio curricular de Romeu Ferreira Menezes Bragança,
Aluno do 6º ano da Faculdade de Arquitectura – UTL

O aluno Romeu Ferreira Menezes Bragança realizou o seu estágio, sob minha orientação, no período compreendido entre Janeiro e Julho de 1998.

Trabalhou integrado numa equipa interdisciplinar (arqueologia, história e engenharia) responsável por diversas intervenções no âmbito da recuperação e requalificação arquitectónica.

Durante o estágio efectuado no gabinete, o aluno colaborou em vários tipos de trabalho, conforme discriminado na listagem pelo próprio apresentada.

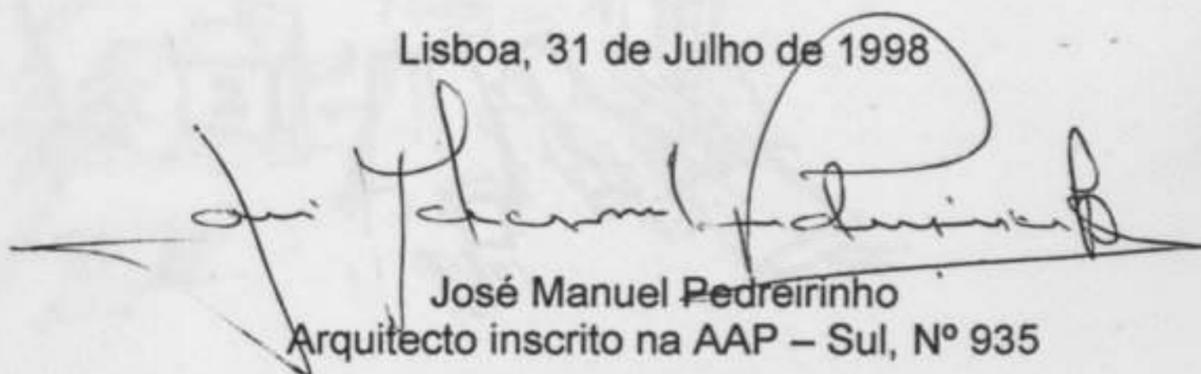
Da diversidade de trabalhos em que colaborou, individualmente ou em equipa e mesmo com outras especialidades, se pode induzir a variedade temática e problemática da experiência vivida, que seguramente terá contribuído para o tipo de aprendizagem que era objectivo deste estágio.

Nesta experiência demonstrou o aluno ser rigoroso na apreciação, abordagem e prática das soluções que lhe eram pedidas, sendo de salientar a capacidade de adequação e integração na equipa.

Rigoroso e expedito na execução das tarefas que cumpriu.

Penso assim que este estágio terá contribuído em termos de qualidade para a formação pedagógica do aluno.

Lisboa, 31 de Julho de 1998



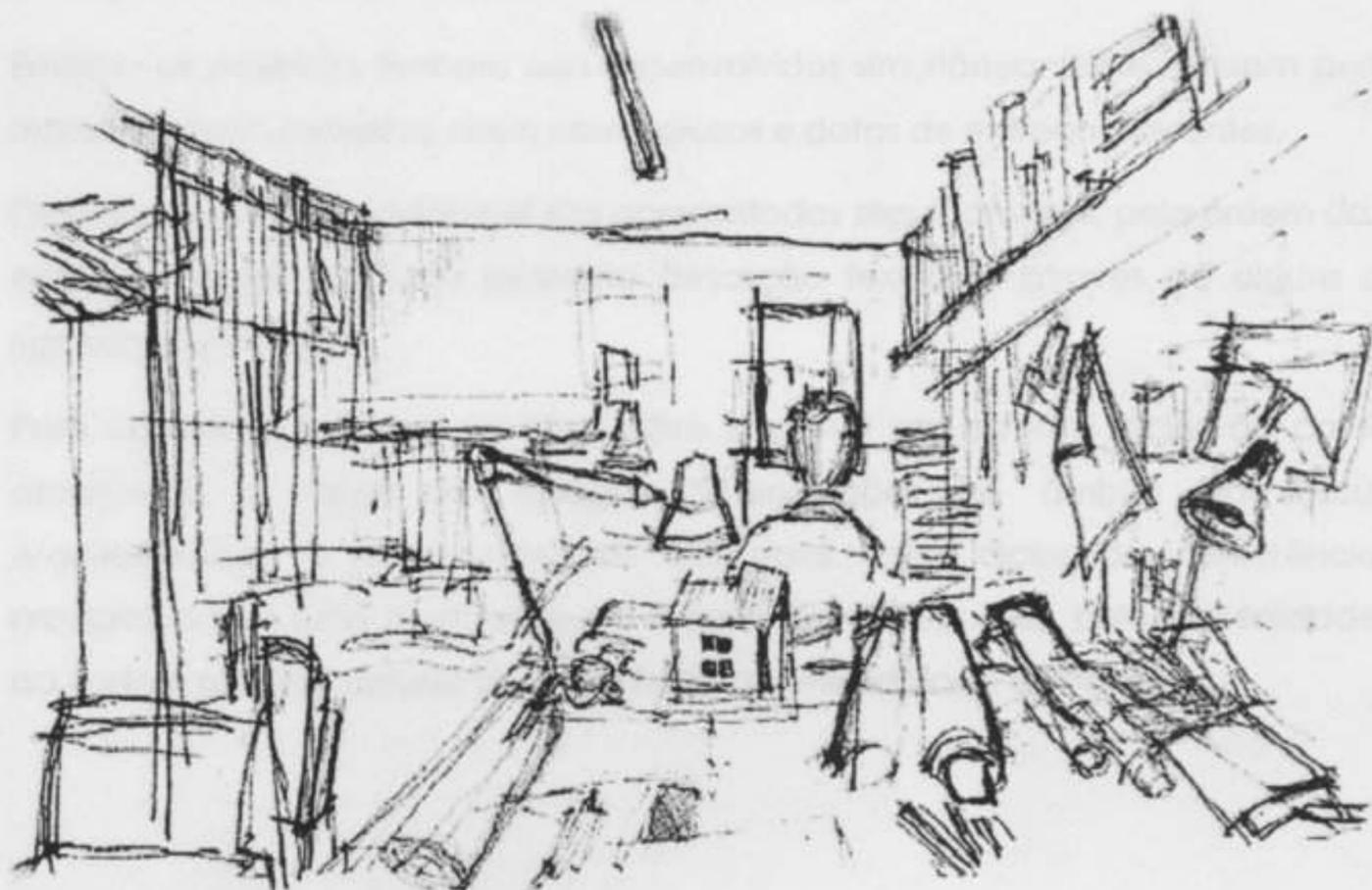
José Manuel Pedreirinho
Arquitecto inscrito na AAP – Sul, N° 935

Av. Sacadura Cabral 49 cv D
1000 Lisboa

Tel. / Fax – (01) 7979545

Índice

| | |
|--|-----|
| Introdução | 02. |
| Período de Estágio | |
| Projecto de Reabilitação e Restruturação do Forte do Pessegueiro | 03. |
| Projecto do Bairro da Floresta | 05. |
| Projecto de uma Moradia | 09. |
| Projecto de Musealização da Alcaçova de Mértola | 11. |
| Conferências e Cursos Livres | 15. |
| Conclusão | 16. |
| Bibliografia | 18. |



O Atelier

Introdução *Reabilitação e Restituição do Forte do Pessegueiro*

O estágio académico foi desenvolvido sob a orientação do arquitecto José Manuel Pedreirinho, tendo sido realizado entre Janeiro e Junho de 1998. Posteriormente foi redigido o relatório que aqui é apresentado.

Particpei no desenvolvimento e conclusão de quatro projectos (embora em diferentes fases); dois relacionados com arquitectura e outros dois com recuperação e reabilitação arquitectónica.

O primeiro projecto onde intervi foi o Projecto de Reabilitação e Restituição do Forte do Pessegueiro, onde a minha intervenção se resumiu ao projecto de execução e à sua elaboração num programa de desenho assistido por computador.

Seguidamente tive a oportunidade de colaborar intensamente nos outros três projectos apresentados, que foram desenvolvidos simultaneamente: Projecto do Bairro da Floresta; Projecto de uma Moradia e Projecto de Musealização da Alcaçova de Mértola; acompanhando todas as fases da evolução dos projectos.

Embora os projectos tenham sido desenvolvidos simultaneamente, tiveram períodos de maior e menor empenho, assim como prazos e datas de entrega diferentes.

Os projectos em que colaborei são apresentados seguidamente, pela ordem da data de entrega, através de uma pequena descrição textual e através de alguns desenhos rigorosos indicativos.

Para complementar este estágio, estive presente em diversos ciclos de conferências, abraçando o tema do estágio: "Intervenções no âmbito da Recuperação Arquitectónica" e da arquitectura em geral. Estes ciclos de conferências foram proporcionados pela Associação de Arquitectos Portugueses, pela Universidade Lusíada do Porto e pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Projecto de Reabilitação e Restruturação do Forte do Pessegueiro

Conscientes da contradição, inevitável, entre o desejo de manter e conservar todos os testemunhos do passado, e as necessidades técnicas e funcionais do programa que agora se pretende localizar no forte, todo o desenvolvimento do programa foi feito no pressuposto de que esta intervenção deverá ser claramente assumida com uma estética e técnicas contemporâneas, ainda que com todo o respeito pelos testemunhos do passado e mantendo, tanto quanto possível, a possibilidade da sua reversibilidade no futuro.



O Forte de Terra - 1.



O Forte de Terra - 2.

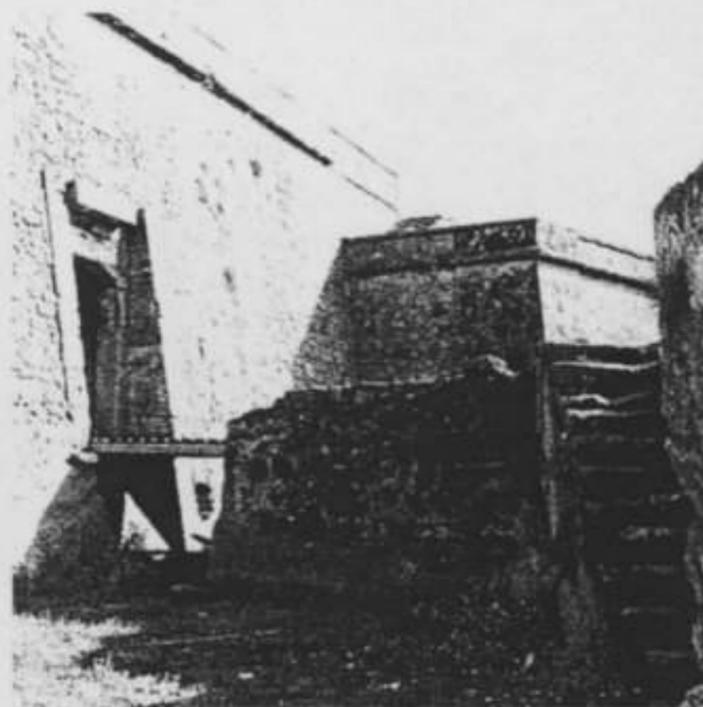
A Ideia Projecto

A ideia projecto procura criar meios para compatibilizar as formas do antigo edifício do forte de terra do Pessegueiro, naturalmente um edifício fechado sobre o exterior e com uma compartimentação interior preparada para dar resposta a necessidades totalmente diferentes das que agora se propõem, com uma maior abertura deste para o público, cuja capacidade de ser atraído às actividades que ali se desenvolverão, e passem a constituir a sua própria razão de ser.

Atendendo a que a imagem do edifício no seu todo é particularmente importante quando o forte é visto da paisagem circundante, esta será totalmente mantida e valorizada pelo arranjo paisagístico da envolvente, de onde se prevê venham a ser retirados alguns dos actuais obstáculos visuais.



A Muralha.

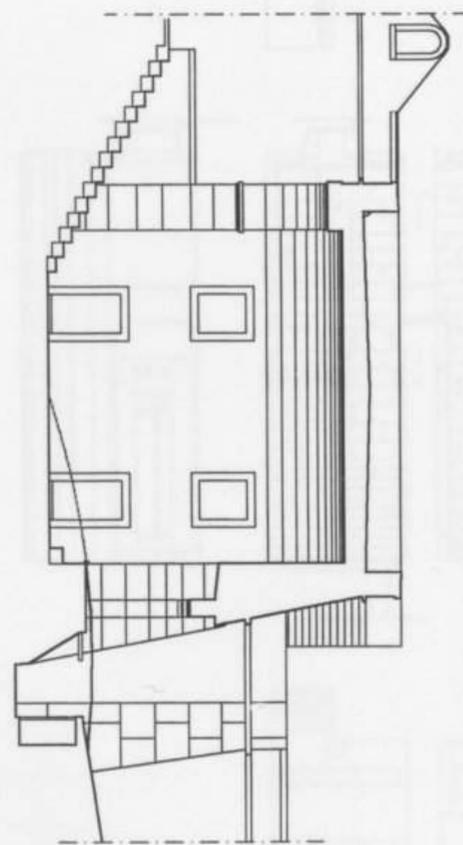


A Entrda do Forte.

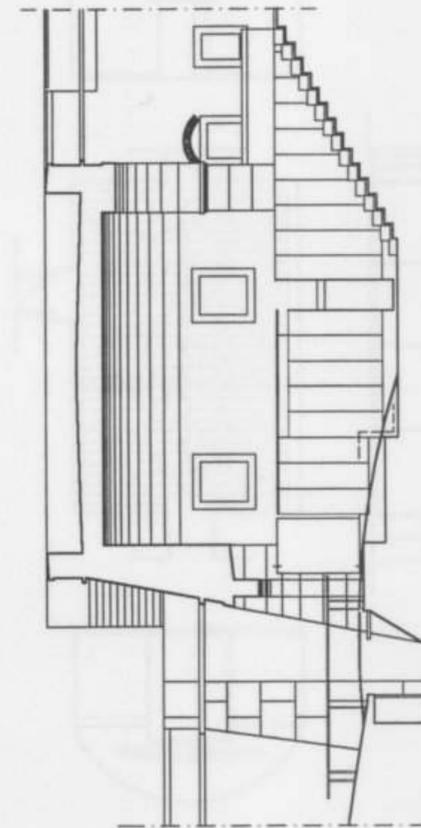
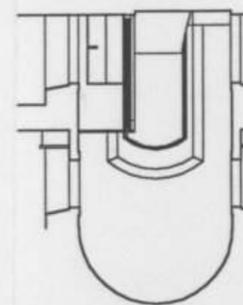
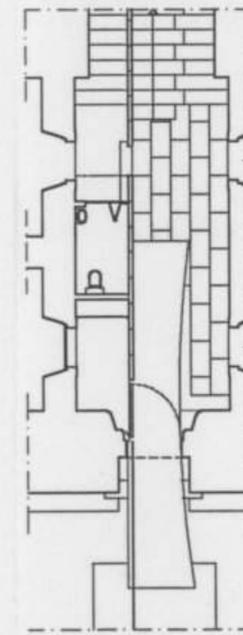
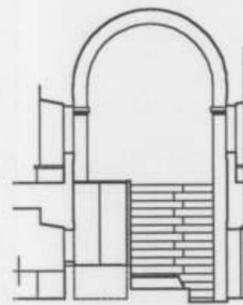
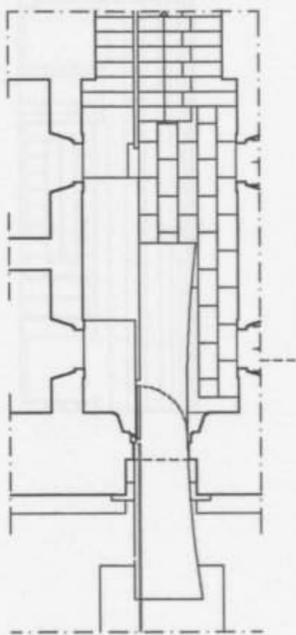
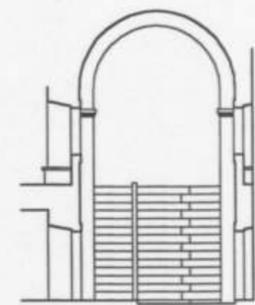
Quanto ao tratamento dos interiores e partindo do princípio de que as intervenções necessárias não devem ser visíveis do exterior, é intenção do projecto exprimir claramente, quer através de novos materiais, quer pelo modo como estes se relacionam com os antigos, quais os locais onde se interveio.

A complementariedade entre o novo e o antigo será assim também feita pela distinta forma de utilizar os materiais e pela utilização das tecnologias construtivas.

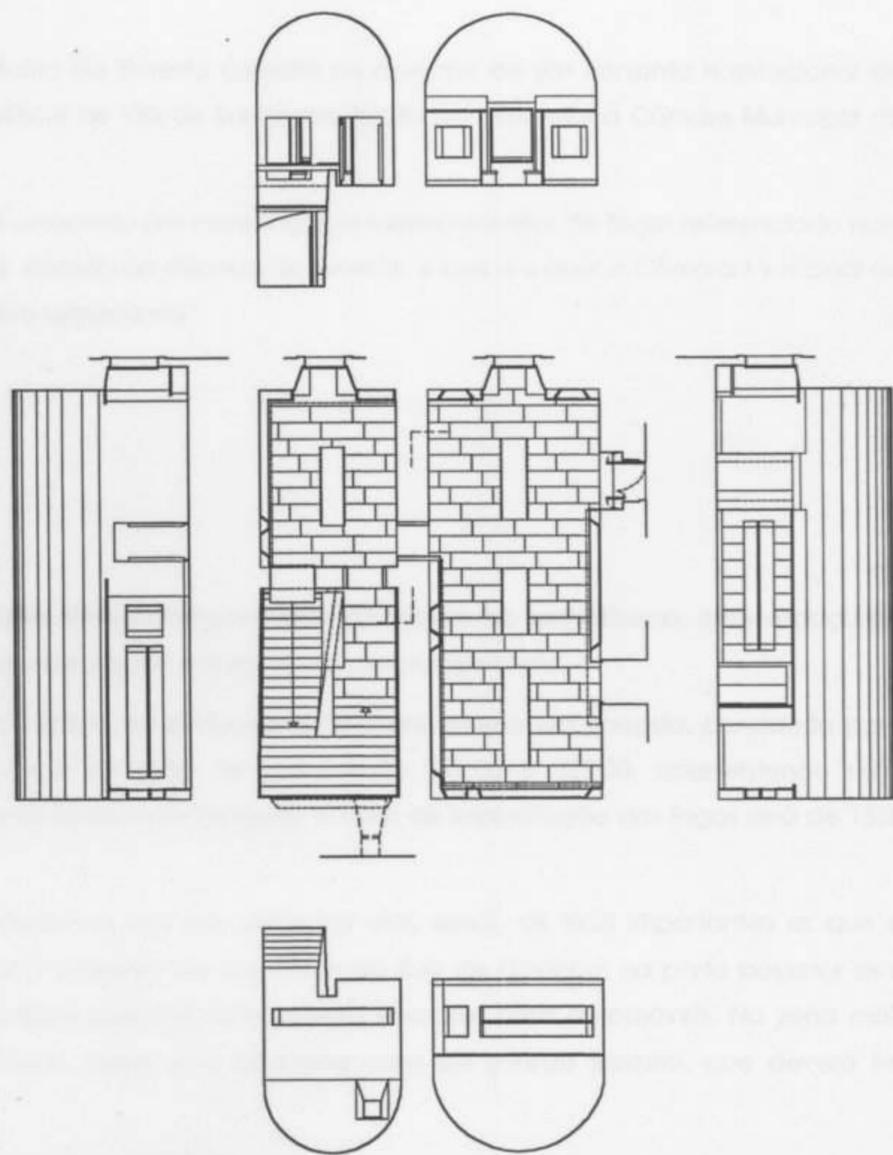
O Projecto de Execução da Reabilitação e Restruturação do Forte do Pessegueiro foi terminado em Maio de 1998.



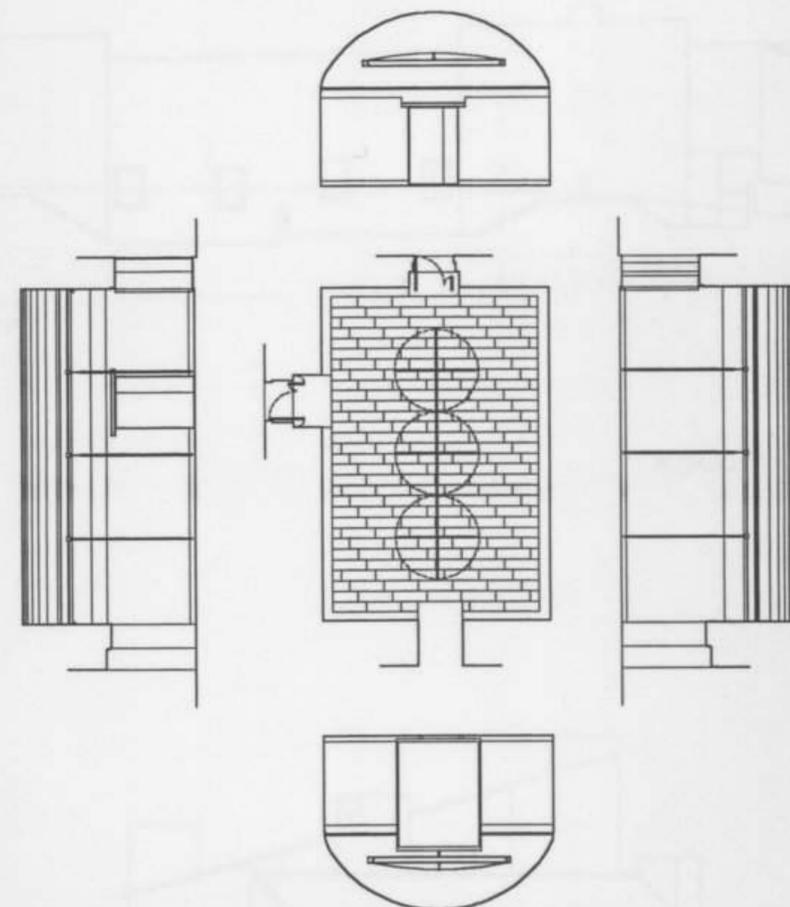
ZONA DA ENTRADA



Projecto do Bairro da Moura



NÚCLEO MUSEOLÓGICO



EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Projecto do Bairro da Floresta

O projecto do Bairro da Floresta consistiu no desenho de um conjunto habitacional de cariz social, a edificar na Vila de Barrancos, tendo por promotor a Câmara Municipal da referida vila.

O bairro social é composto por nove fogos, o mesmo número de fogos referenciado num anterior projecto, datado da década de setenta, e que a o qual a Câmara Municipal de Barrancos não deu seguimento.

O Sítio

O Bairro da Floresta situa-se na zona leste da vila, já no seu extremo, num espaço de transição entre a zona urbana e a zona rural que rodeia a vila.

O espaço onde o bairro vai ser implantado é um terreno em encosta, pendendo para sudoeste, com uma variação de cotas entre 329.00 e 322.00, apresentando uma configuração sensivelmente rectangular. A área de implantação dos fogos será de 1350 m².

O terreno é limitado em três dos lados por vias, sendo as mais importantes as que o servem a sudeste e sudoeste na sequência da Rua de Espanha, na parte posterior será deixado um caminho pedonal, com acesso eventual para automóveis. Na zona mais elevada, a nordeste, existe uma pequena casa da guarda florestal, que deverá ser mantida.

Garantindo uma melhor articulação dos vários percursos, será deixada uma passagem pedonal entre os lotes 6 e 7, possibilitando a continuidade de uma ligação existente entre a zona da Vila onde estão instalados os equipamentos desportivos e sociais e esta zona.

Tal como acontece em toda a Vila, e que é perfeitamente ajustado a uma zona onde o tráfego automóvel ainda é limitado, a solução adoptada para a relação entre as construções e a rua, foi a de uma transição directa, sem passeio, mantendo o cariz arquitectónico e urbano.

Procurou-se, deste modo, tirar o máximo partido da beleza do maciço de xisto existente na zona e que deverá permanecer visível - como uma espécie de soco - na parte inferior das fachadas principais das construções.



A Casa do Guarda.



O Maciço de Xisto - 1.

O Bairro

A solução dos fogos é esquematicamente idêntica, sendo a sua modulação bastante repetitiva, tendo em vista a optimização das soluções construtivas e, por consequência, uma redução significativa nos seus custos de construção. Diferentes são os dois lotes das extremidades, através dos quais é feita a adaptação aos limites do terreno e ao distinto traçado de cada uma das ruas limítrofes.

O sentido de unidade do bairro é igualmente garantido pelas cotas de implantação adoptadas, e pelo modo como são resolvidas as pendentes das coberturas. Assim, os lotes de 1 a 6 têm todos diferentes cotas de soleira, acompanhando deste modo a pendente da rua, mas mantendo uma mesma pendente da cobertura, sensivelmente paralela ao trainel da rua. Os lotes 7 a 9, que estão na parte do terreno com menor inclinação, pelo contrário, têm a mesma cota de soleira e as respectivas coberturas alinhadas. Estas apresentam telha em toda a sua superfície, solução tradicional devidamente comprovada.

O bairro abrange quatro fogos de tipologia T2 e cinco de tipologia T3. A solução arquitectónica adoptada prevê ainda que todos os fogos possam ser acrescentados - em fase posterior - com mais um quarto nas traseiras e com um mínimo de obras. Deste modo, pretende alcançar-se uma solução facilmente adaptável às necessidades das famílias, bem como às eventuais mudanças na sua estrutura nuclear.



O Maciço de Xisto - 2.



A Topografia Acentuada.

As Habitações

Houve especial preocupação em criar uma solução tipologicamente repetitiva, de molde a facilitar a sua execução em obra, mas que se adaptasse à topografia acidentada do terreno.

Dada a topografia do terreno criaram-se soluções para o interior e para o exterior dos fogos, de modo a que estes pudessem adaptar-se ao desnível do terreno. Interiormente, cada fogo desenvolve-se em dois níveis. Na parte inferior, situa-se a entrada principal, os quartos e a instalação sanitária. Na parte superior, a cozinha e a zona de comer, para além de um quarto, no caso dos fogos T3. Exteriormente, na entrada do fogo, existe um desnível entre o interior e o exterior que será vencido pelos tradicionais degraus que se prolongam parcialmente sobre a via. Nas traseiras, existe um pátio posterior com dois

níveis, reportando-se o primeiro ao nível do interior do fogo e o outro à rua projectada. Esta solução permitirá reduzir ao máximo o volume de esaterras a efectuar.

Recuperando uma solução tradicional na região, todas as casas têm a entrada sobreelevada e recuada em relação à rua, permitindo o seu ensombramento, e facilitando a localização dos respectivos quadros e caixas de correio. As casas organizam-se de molde a haver sempre ligação directa entre as partes da frente e de trás, possibilitando uma visão contínua do espaço e uma desejável ventilação natural transversal de todo o fogo.

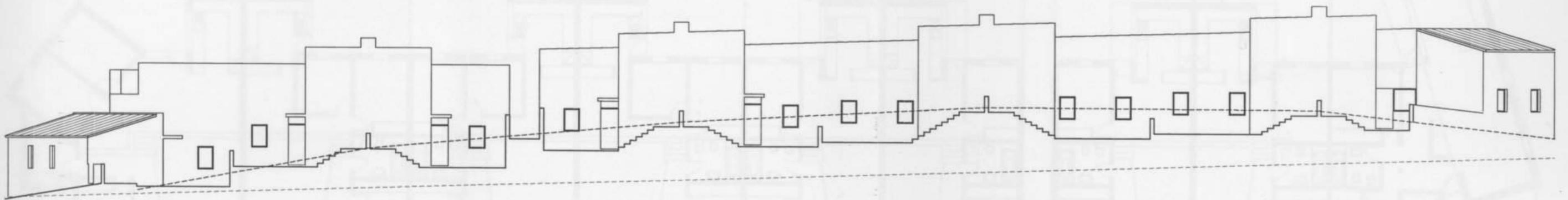
As chaminés assumem especial importância a nível morfológico, devido às suas generosas dimensões, o que lhes conferem uma grande presença ao nível do alçado principal.

A Solução Construtiva

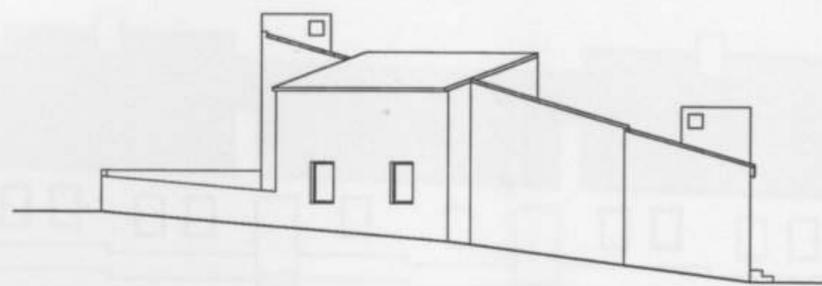
No exterior as casas serão rebocadas e pintadas em cor branca, pontuadas com alguns elementos em pedra calcária nos vãos. Será permitida a pintura de uma faixa de cor junto ao piso e ou junto aos vãos, como se verifica nas construções tradicionais. As cores permitidas são o amarelo ou o azul tradicionais.

O alinhamento das coberturas dos lotes 1 a 6 (já atrás referido), será feito pela sobreelevação do ripado de assentamento da telha, separando-a da laje estrutural. A cobertura é em telha lusa.

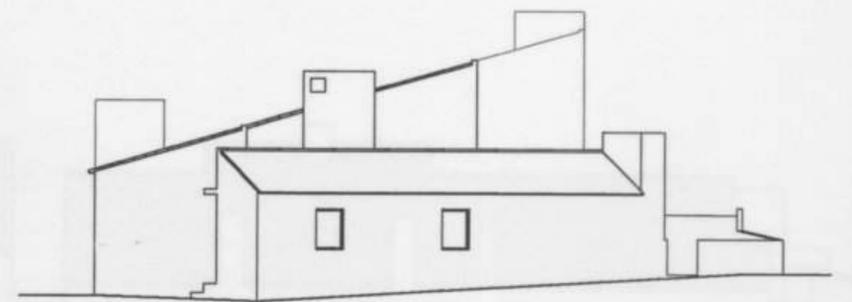
O projecto de execução do Bairro da Floresta foi terminado em Maio de 1998.



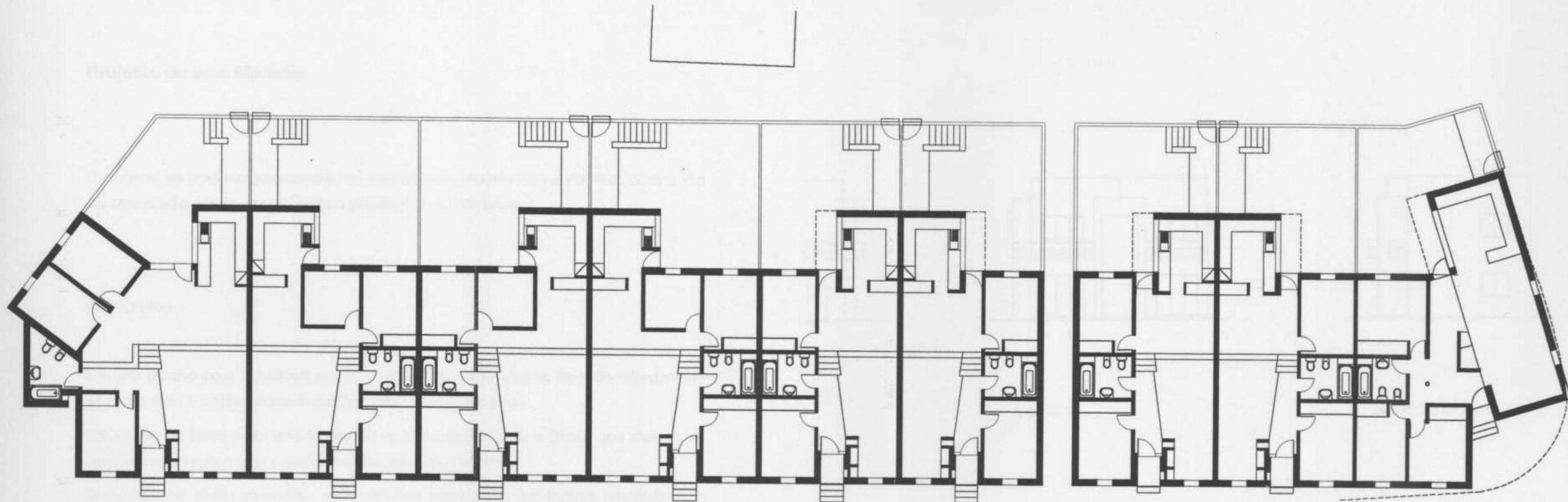
ALÇADO POSTERIOR



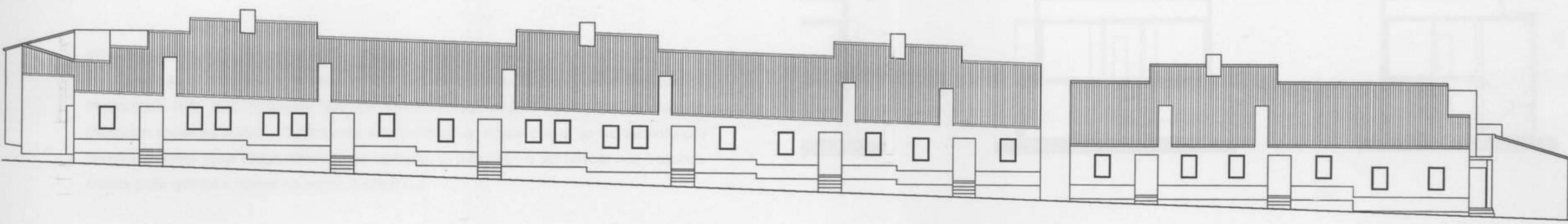
ALÇADO LATERAL ESQUERDO



ALÇADO LATERAL DIREITO



PLANTA



ALÇADO PRINCIPAL

Projecto de uma Moradia

O projecto de uma Moradia consistiu no desenho de uma moradia unifamiliar, para a Vila da Marmeleira, tendo por promotor o proprietário do lote urbano.

O Programa

Um lote urbano com 197.40 m², com uma frente de 14.10 metros, limitado lateralmente por uma casa tradicional que à qual foi acrescentado um piso.

Uma casa de férias para uma família de quatro pessoas (pais e filhos), que deverá ter uma lareira na sala e uma cozinha onde se tome as refeições...

Uma casa há muito sonhada... com algumas condicionantes: índices urbanísticos, a realidade e a questão monetária.

O Sítio

Uma vila ribatejana, completamente descaracterizada, onde a arquitectura popular e vernacular se combina com as mais estranhas arquitecturas. A rua onde a moradia se implantará não tem qualquer tipo de continuidade arquitectónica, sucedendo-se moradias recentes a casas tradicionais e interpondo-se casas a que se acrescentaram diversos anexos, quer longitudinais, quer verticais. O lote "vê" o sol nascer nas traseiras, passar pelo quintal e morrer na frente, junto à rua.

A Moradia

A moradia irá ocupar o lugar de uma pequena casa com demasiados problemas.

Desenvolver-se-á em dois pisos, voltando-se para o interior do lote e deixando unicamente o necessário virado para a rua.

O piso térreo comporta uma sala com uma lareira, sendo o espaço por onde se faz a entrada em casa; uma I.S. e uma cozinha onde se come, onde se está e por onde se sai para o quintal, um espaço que se assume não só como centro da casa, mas também como centro de todo o lote.

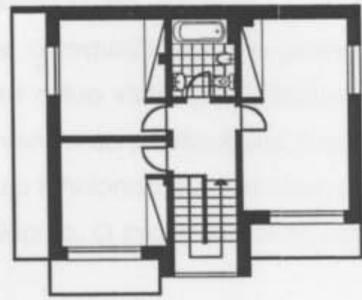
O piso superior constitui a parte privada da casa, onde estão os quartos.

A solução Construtiva

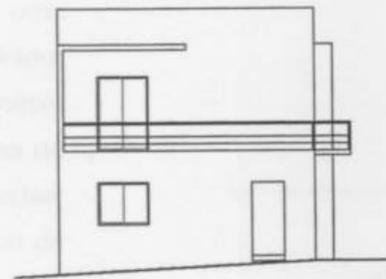
A moradia, exteriormente, será rebocada e pintada em cor branca, interiormente dar-se-á principal importância aos materiais e à sua cor natural (tijolo burro na lareira, tijoleira cerâmica como pavimento). A estrutura será em betão armado, as paredes duplas (contrariando o cliente) e as caixilharias dos vãos em alumínio, estando muitas coisas ainda por definir... "quanto mais barato, melhor!"

O projecto de licenciamento da Moradia foi terminado em Julho de 1998.

Projecto de Moradia (in the Zone of ...)



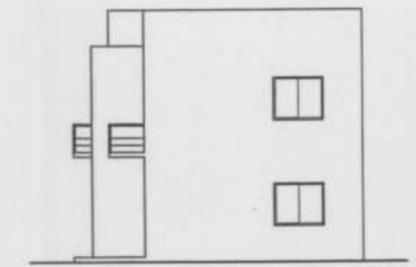
PLANTA DO PISO SUPERIOR



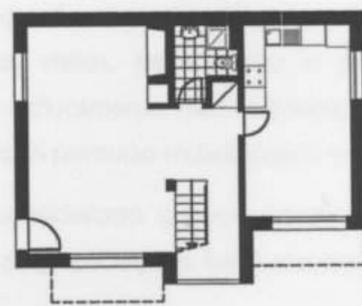
ALÇADO POENTE



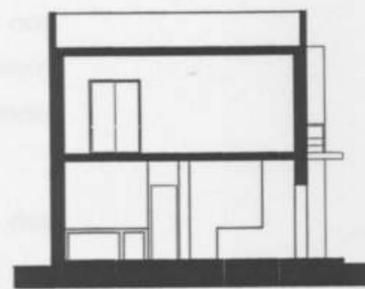
ALÇADO SUL



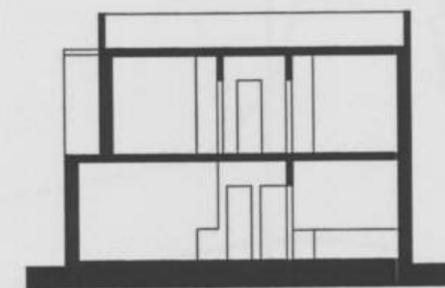
ALÇADO NASCENTE



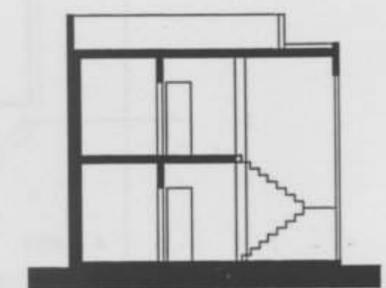
PLANTA DO PISO TÉRREO



CORTE A



CORTE B



CORTE C

Projecto de Musealização da Zona da Alcaçova

O projecto de Musealização da Zona da Alcaçova consistiu no desenho de uma estrutura, que possibilite a requalificação e protecção da Alcaçova. Foram definidos percursos pedonais para a sua visita, projectado um pequeno edifício para o controle dos visitantes, apoio e venda de publicações, bem como o arranjo de toda a zona de acesso ao cemitério, cujo funcionamento deverá ser mantido e de molde a não interferir com o percurso museológico. O promotor deste projecto foi o Campo Arqueológico de Mértola.

O Programa

O programa proposto tem como objectivo a estruturação de todo o espaço da alcaçova, uma das zonas com maior conteúdo histórico e arqueológico da vila. O manter do acesso à entrada do cemitério, apesar da substancial redução de utilização num futuro próximo (devido à construção de um novo). Deverá também ser controlado o acesso à basílica, tendo em conta a possibilidade da sua musealização.

Considerou-se como segunda necessidade programática a organização e controle nos percursos pedonais das visitas, bem como a possibilidade de os mesmos serem prolongados até locais actualmente não visitáveis. Preveu-se, também, a possibilidade de uma futura ligação num percurso museológico contínuo para a zona do castelo.

Por último deverá ser considerada a necessidade de um espaço para o controle dos visitantes e para venda de publicações, bem como um pequeno espaço de arrumos.

Ideia - Projecto

A ideia projecto parte de dois pressupostos fundamentais:

Em primeiro lugar a necessidade de todo o projecto se desenvolver como um suporte para a estruturação das visitas, como forma de garantir uma visita não só mais correcta, como a locais que de outro modo não seriam possíveis de atingir nem de observar, mas nunca como elemento primeiro do local, que é e tem que continuar a ser dominado pelos vestígios arqueológicos;

Em segundo lugar pretendeu-se estruturar todo o conjunto partindo de duas oposições. Uma direcional, e que têm a ver com as duas direcções dominantes nas estruturas arqueológicas romana e árabe; e uma conceptual entre uma presença histórica e tradicional, que é a de toda a arqueologia, que se relaciona com o passado, misturando-se com a presença passageira do presente.

A Intervenção

Foram consideradas quatro zonas principais de intervenção:

A - A zona da entrada, com o edifício de controle dos acessos;

B - A zona do acesso ao criptopórtico e à torre;

C - A zona junto à entrada do cemitério.

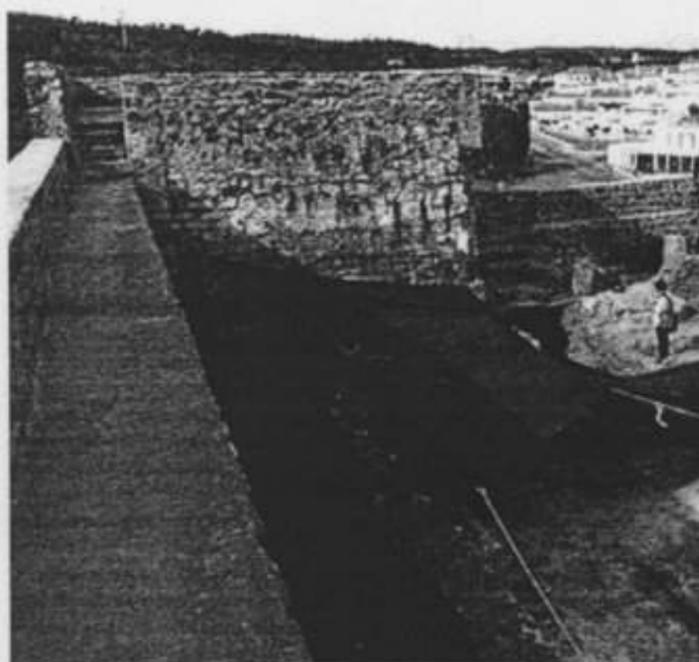
D - A zona limitada pela muralha e pela estrutura árabe.

Na zona A, o objectivo principal era conjugar a articulação volumétrica do edifício com a sua articulação dos muros e construções envolventes, nomeadamente à grande proximidade da mesquita.

Pretendia-se ainda que toda a construção não obstruísse em nada a visibilidade de quem percorre os acessos pedonais para se dirigir ao castelo, razão principal para se ter optado por uma cota de implantação abaixo do nível do piso da entrada, mantendo a cota máxima dos muros existentes, e possibilitando assim uma visão contínua da paisagem longínqua.

Na zona B, o principal problema era o de conseguir uma articulação entre acessos com cotas completamente díspares entre si, que pela sua localização no terreno eram difíceis de obter e de articular.

Houve que ter um particular cuidado no sentido de conseguir uma articulação bastante simples dos percursos das visitas, bem como garantir a visibilidade de um significativo mosaico romano, bem como a protecção pluvial no acesso ao criptopórtico.



O Torreão, o Mosaico e o Criptopórtico.



A Entrada da Cripta

Na zona C, houve que resolver problemas que tinham a ver com uma mudança de nível significativa do percurso de visita, bem como com a possibilidade deste se prolongar e mostrar a basílica existente do outro lado da estrada.

Considerou-se para tanto, que o modo mais indicado seria uma visão superior da mesma, possibilitando deste modo a percepção do seu conjunto, e assegurando ainda a possibilidade de num futuro não muito distante se poder prolongar a visita através de um caminho existente no local, directamente para a zona do castelo, fechando assim um percurso de visita que poderá ser de grande interesse.

Houve ainda que ter em conta, a necessidade de salvaguardar a privacidade e o respeito pelas pessoas que se deslocam até ao cemitério, através de um passadiço, limitado lateralmente, sobre a ponte do cemitério.

A zona D, foi pontuada por diversos elementos de excepção, que estão directamente relacionados com o percurso de visita pedonal.

Foi desenhada um passadiço metálico sobre um buraco que dá acesso a uma das portas da alcaçova, actualmente a ser escavada, uma cobertura em caniço com estrutura metálica, sobre um dos torreões, para criar sombreamento e dar algum conforto

a quem visita a alcaçova. A transição entre o torreão e o adarve da muralha e ainda a reconstrução do próprio adarve.

Como situação de excepção aparece uma cobertura para um vão, que ilumina zenitalmente a cripta.



Zona C – Entrada para o Cemitério.



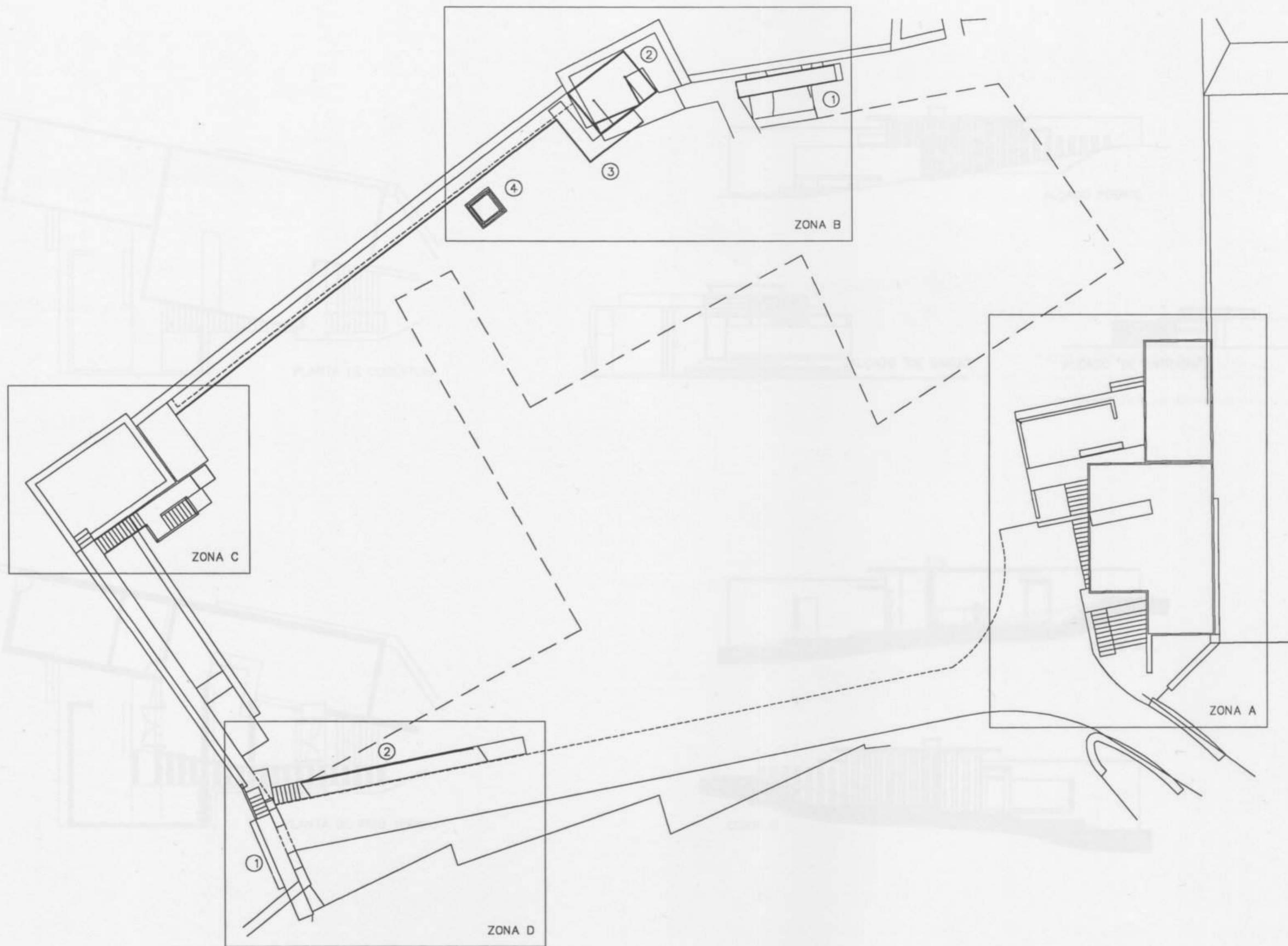
Zona D – Torreão com Cobertura e Guarda.

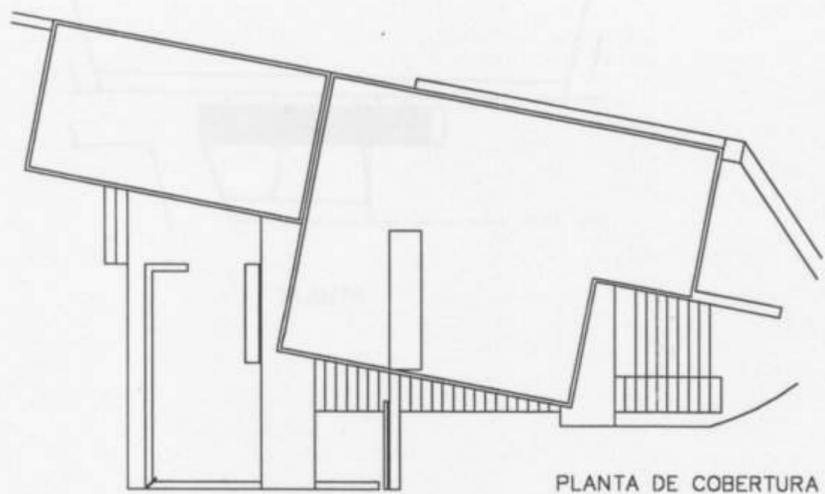
Materiais

O modo mais adequado de exprimir a ideia - projecto já enunciada, teve a ver com a utilização de dois materiais distintos: o ferro, como expressão de um material contemporâneo e os materiais cerâmicos conseguidos segundo os processos tradicionais.

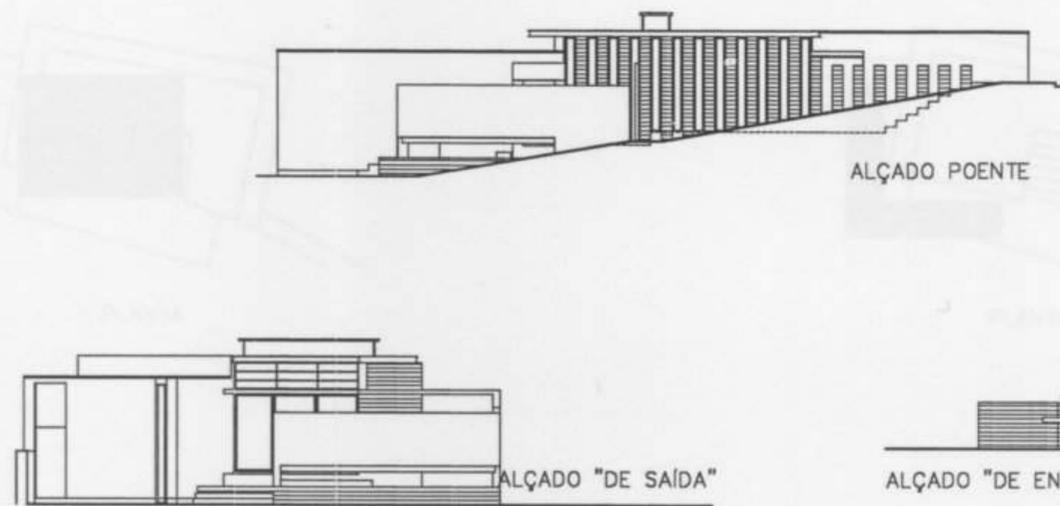
Será ainda utilizada a alvenaria rebocada e pintada a branco, que nos remete claramente para os sistemas construtivos mais em voga nesta zona.

O projecto de execução da Musealização da Zona da Alcaçova foi terminado em Julho de 1998.

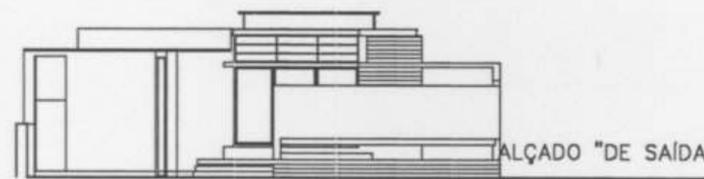




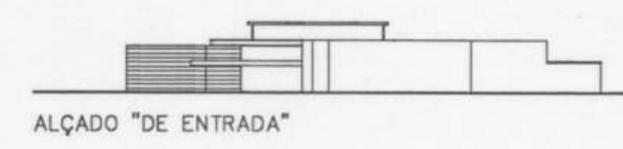
PLANTA DE COBERTURA



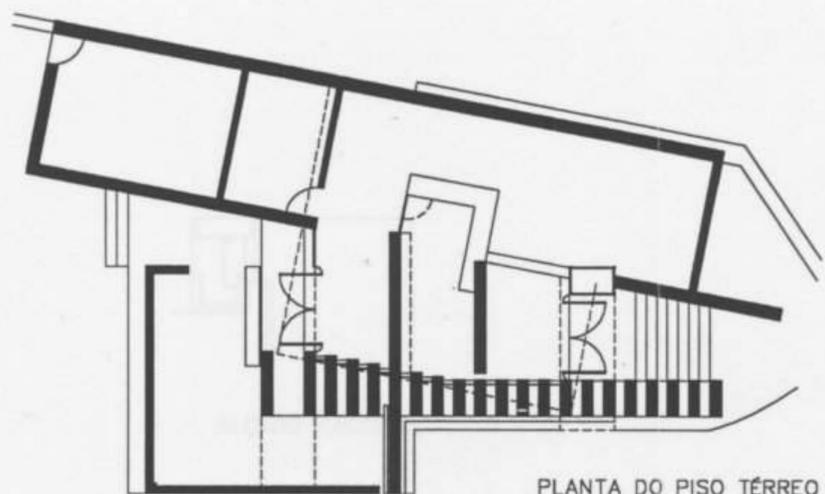
ALÇADO POENTE



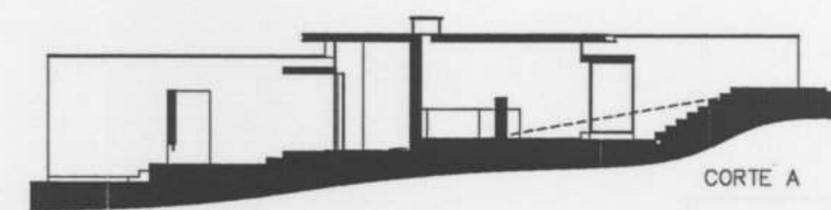
ALÇADO "DE SAÍDA"



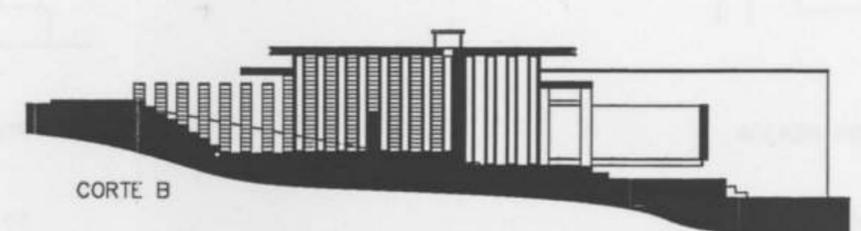
ALÇADO "DE ENTRADA"



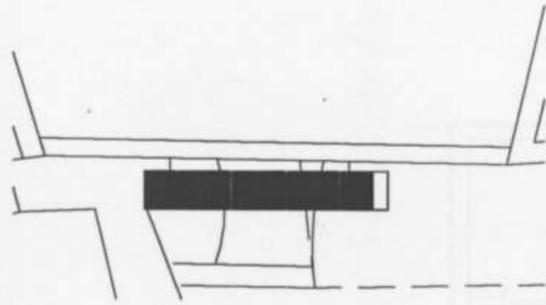
PLANTA DO PISO TÉRREO



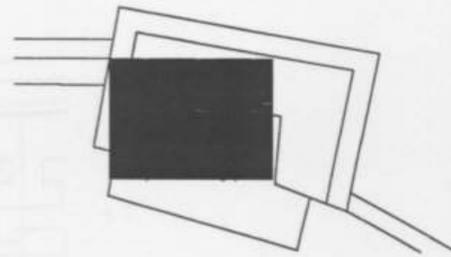
CORTE A



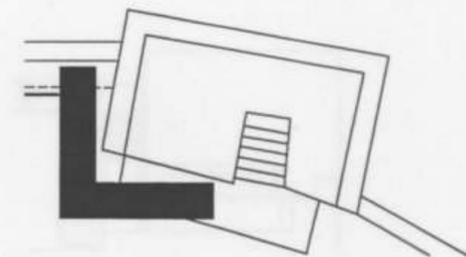
CORTE B



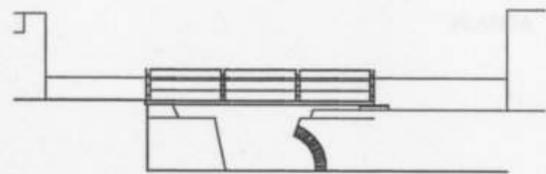
PLANTA



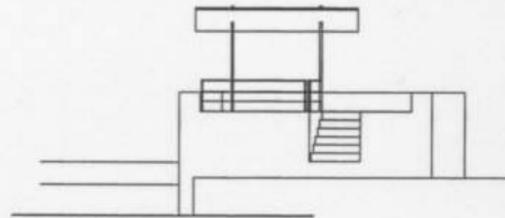
PLANTA



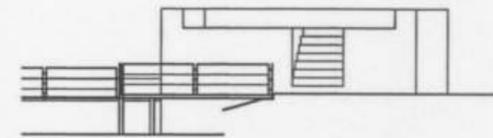
PLANTA



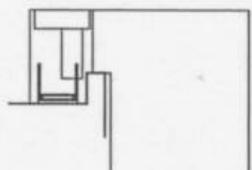
ALÇADO SUL



ALÇADO SUL

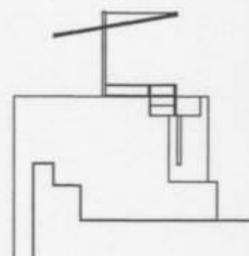


ALÇADO SUL



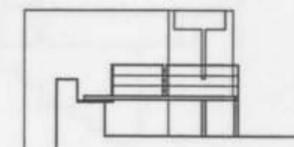
ALÇADO NASCENTE

INTERVENÇÃO 01.



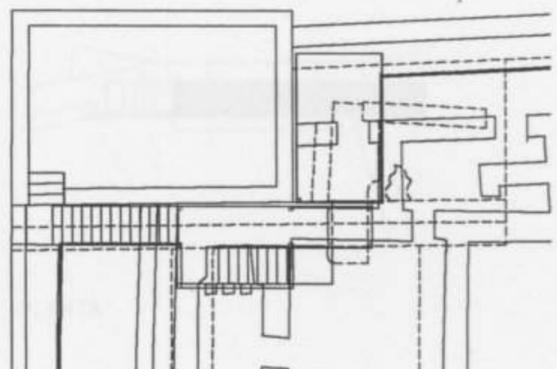
ALÇADO POENTE

INTERVENÇÃO 02.

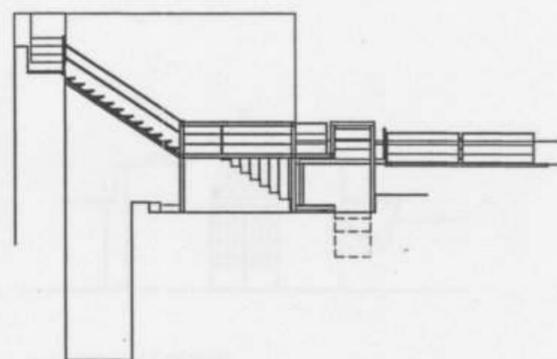


ALÇADO POENTE

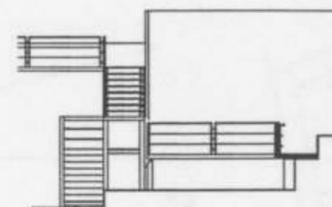
INTERVENÇÃO 03.



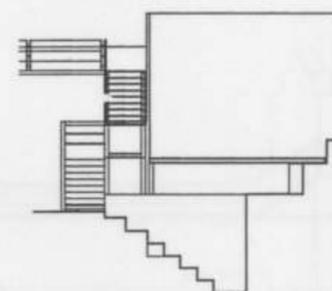
PLANTA



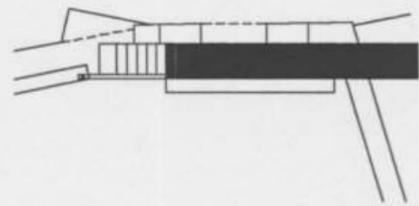
ALÇADO SUL



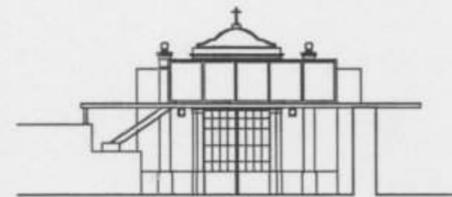
ALÇADO NASCENTE



CORTE A



PLANTA

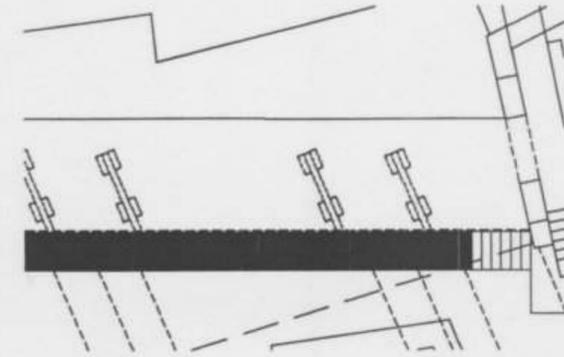


ALÇADO POENTE

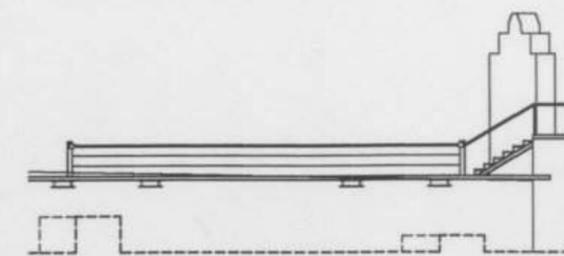


ALÇADO NASCENTE

INTERVENÇÃO 01.



PLANTA



ALÇADO NORTE

INTERVENÇÃO 02.

Conferências e Curso Livres

Directamente relacionados com o estágio:

1º Encontro AAP – Habitação, "Fazer Cidade com Habitação"

Grupo de Trabalho Habitação AAP

Associação dos Arquitectos Portugueses

CIAP 1998 – Congresso Internacional de Arquitectura Popular

Departamento de Arquitectura

Universidade Lusíada do Porto

2º Encontro AAP – Habitação, "Re-habitar Centros Antigos"

Grupo de Trabalho Habitação AAP

Associação dos Arquitectos Portugueses

XXV IAHS World Housing Congress, "Habitação: Uma Herança para o Futuro"

Departamento de Engenharia Civil

Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

Indirectamente relacionados com o estágio:

III Curso Livre de História da Arte – Lisboa entre Exposições: 1898 – 1940 - 1998

Instituto de História da Arte

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Curso Livre – Introdução à Arqueologia Egípcia

Departamento de História

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Conclusão

Intevi em quatro projectos... todos eles com abordagens e filosofias diferentes, todos eles com problemas e ensinamentos diferentes.

O Projecto de Reabilitação e Restruturação do Forte do Pessegueiro serviu para, e pela primeira vez, verificar e constatar a dificuldade de controlo projectual numa intervenção de recuperação arquitectónica desta envergadura.

Em virtude da sua grande dimensão foi necessário executar um número enorme de desenhos: de áreas restrictas, onde cada sala, cada compartimento, tem que ser pensado e desenhado isoladamente, sem nos esquecermos, no entanto, da filosofia de intervenção e do contexto geral.

Ao contrário da intervenção na Alcaçova de Mértola, aqui há limites fixos e exactos, com os quais se tem que trabalhar: uma parede existe por um motivo construtivo e estrutural, não por uma simples vontade do projectista, não se pode rasgar nem deitar abaixo, independentemente da filosofia, tem que lá ficar.

O Projecto do Bairro da Floresta consistiu em projectar uma série de habitações de custos controlados, com o intuito de proporcionar alguma qualidade de vida aos futuros moradores. Felizmente, o projecto não foi considerado pela autarquia como um simples e incómodo bairro social, tendo permitido pensar e realizar pormenores pouco comuns em habitações com esta característica. Em vez do bairro social de má qualidade espacial e construtiva, pensou-se numa solução optimizada de forma a ser sistematizada e capaz de proporcionar encargos construtivos menos elevados.

O Projecto da moradia é explícito de como é difícil projectar para alguém que tem uma ideia pré-concebida da habitação que pretende, e que está profundamente enraizada.

Para além do contacto com o cliente, também mostrou como é difícil o relacionamento entre o município e o município e o arquitecto e a câmara municipal local, quer pela falta de disponibilidade para fornecer elementos essenciais como o Plano Director Municipal, quer pelo constante atraso na entrega de elementos, que só por eles são fornecidos, para mais tarde serem requeridos.

O Projecto de Musealização da Zona da Alcaçova, em Mértola, comprovou como a arquitectura é multifacetada e pluridisciplinar, mostrando como é necessária (e por vezes complicada) a sua relação com as outras disciplinas.

Na criação de percursos pedonais de visita, várias vezes teve que haver alterações pelas descobertas sistemáticas efectuadas pelos arqueólogos.

Tomou-se consciência de como é difícil implantar uma estrutura arquitectónica contemporânea num local com presenças seculares e milenares, não só pelas opções estéticas e funcionais que tem que ser tomadas, mas também pelo carácter intrínseco do campo arqueológico, que se assume como um vasto terreno esventrado onde os vestígios arqueológicos surgem junto do terreno "normal" e onde as possibilidades de construir variam constantemente.

Um problema com que deparámos e que só a muito custo conseguimos resolver foi o levantamento topográfico, pois ao contrário de muitos outros projectos em que cotas, pendentes ou declives são gerais, aqui cada elemento é único e fundamental, dentro da estrutura arqueológica, apresentado dimensões e cotas específicas.

O estágio que efectuei possibilitou-me o contacto com a recuperação arquitectónica, que era o tema do meu estágio, mas também com projectos de arquitectura vocacionados para a arquitectura de raiz.

Comprovou, uma vez mais, como é diferente a recuperação arquitectónica da arquitectura "vulgar" em que se pensa no local, nos limites e nas diversas referências existentes, ao contrário da recuperação, onde se identificam patologias nos diversos materiais construtivos, onde se projecta, considerando os processos construtivos antigos, e onde se tenta implantar de forma harmoniosa, respeitando o existente, novas funções e novas obrigações regulamentares e regulamentadas.

O estágio possibilitou-me, também, o contacto com a realidade existente no nosso país, dominada pela burocracia e pela constante tentativa de colocar entraves a quem pretende progredir, pela manifesta vontade de se ser subornado, nem que seja por um cumprimento ou por uma palmadinha nas costas...

Por fim, e dando por terminado este relatório, não posso deixar de agradecer a quem me proporcionou o estágio, o arquitecto José Manuel Pedreirinho, e à equipa que integrei: os arquitectos recém-formados Paulo Duarte e Ana Jacinto (esta, já na recta final do projecto de Mértola); Elsa Silva, estudante de arquitectura e "the last but not the least" o arquitecto Pedro Travanca, "expert" em autocad e em "arrastar" para o café.

NACIONAL DO LIVRO E DO PAPEL, 2.ª Edição, Lisboa, 1977.

MACHAS, António. Mértola histórica - Fundo histórico-arqueológico da Junta da Alcaçova. Direcção Regional do Alentejo, Mértola, 1984.

MOURA, Maria. A arquitectura popular portuguesa. Livros do Brasil, 2.ª Edição, Lisboa, 1977.

OLIVEIRA, Renato Sérgio de e GALHARD, Fernando. Arquitectura tradicional portuguesa. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1977.

PEREIRA, Renato Sérgio. A arquitectura popular e as técnicas tradicionais da construção em terra cozida de Beja. Lisboa, 1977.

PEREIRA, Renato Sérgio. O artesanato da arquitectura em terra cozida. Lisboa, 1977.

VARELA, Vítor de Sá. Uma nova abordagem ao estudo do espaço físico - uma visão antropológica. "Arquitetura", nº 17, Janeiro - Dezembro de 1976.

Bibliografia

ARMAS, Duarte de, Livro das Fortalezas – Fac-Simile do ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Edições Inapa, Lisboa, 1997.

MACÍAS, Santiago, Mértola Islâmica – Estudo histórico-arqueológico do Bairro da Alcaçova, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola, 1996.

MOUTINHO, Mário, A arquitectura popular portuguesa, Editorial Estampa, 2ª Edição, Lisboa, 1979.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando, Arquitectura Tradicional Portuguesa, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

PINHEIRO, Nuno Santos, A arquitectura regional e as técnicas tradicionais da construção em terra ao sul do Tejo, Lisboa, 1991.

PINHEIRO, Nuno Santos, Uma reflexão sobre arquitectura em terra crua, Lisboa, 1991.

VÁRIOS, Viver a Taipa – Uma breve introdução ao estudo desta técnica numa visão antropológica, in "Mediterrâneo", Nº 8/9, Janeiro – Dezembro de 1996.

